

OSWÁLD, OSWALDO, ÔSWALD

ANTONIO CANDIDO

Universidade de São Paulo, São Paulo.

Oswáld de Andrade, cujo nome completo era José Oswáld de Souza Andrade (já se verá por que estou acentuando), achava graça na lenda segundo a qual ele teria alterado por excentricidade modernista o verdadeiro prenome, supostamente Oswaldo. Imaginem o que diria se pudesse saber que hoje é chamado cada vez mais - Ôswald, com acento na primeira sílaba... Paulo Emílio Salles Gomes disse certa vez que os homens da nossa idade estavam assistindo ao nascimento de um mito, tão afastado da realidade que até revestia designação própria, fazendo Oswáld virar Ôswald...

Portanto, Oswáld ou Oswaldo, como se dizia corretamente, achava graça no boato, e para mostrar a sua insubsistência explicava (segundo escreveu depois nas memórias) que herdara os prenomes do pai, José Oswáld (não Oswaldo) Nogueira de Andrade, e que esta forma peculiar fora iniciativa da avó, natural de Baependi, leitora do romance **Corina**, de Madame de Staël, onde a heroína assim chamada sofre e morre de amor por Oswald, Lord Nelvil, escocês romântico que, como se sabe, é transposição ficcional do guapo português cosmopolita D. Pedro de Sousa Holstein, futuro Duque de Palmela, amigo íntimo e mais que isto da autora. Mas tudo faz crer que o gosto não era individual, apenas da avó de Oswáld, porque naquele canto do sul de Minas tornou-se freqüente usar os nomes dos dois protagonistas. Ainda mais: houve gente com a mesma singularidade de adotar a forma inglesa, como se vê pela lista dos eleitores de Aiuruoca, cidade vizinha de Baependi onde figura nos anos de 1880 um João Oswáld Diniz Junqueira. (Ver o **Almanak Sul-Mineiro para 1884**, organizado por Bernardo Saturnino da Veiga).

Esta forma inglesa se manteve na família do nosso escritor por três gerações, sempre pronunciada Oswáld, à brasileira (como certamente pronunciaria também, mas aí à francesa, Madame de Staël), até o pintor Oswáld de Andrade Filho, que se chamava José Antônio Oswáld. Portanto, se excentricidade houve, foi da avó, em meados do século passado, não do neto.

Essa avó era Antônia Nogueira Cobra, trineta pelo pai do Capitão-Mor, Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, Ilhéu da Madeira, que casou em Guaratinguetá com Maria Leme do Prado e foi pró-homem em Baependi no começo do século XVIII, fundando uma família enorme, espalhada até hoje por Minas, São Paulo e Rio. Oswáld gostava de falar (e escrever) que por causa desse patriarca estava registrado na **Genealogia Paulistana** "do racista Silva Leme", - onde aliás aparece como Oswaldo, preparatoriano em 1905". (Preparatoriano quer dizer que estava "tirando os preparatórios", isto é, cursando as matérias do secundário).

Dona Antônia casou em Baependi com Hipólito José de Andrade, de outra imensa família daquela zona, fazendeiro que perdeu os bens e abriu para sobreviver um pequeno hotel em Caxambu (Oswáld conta nas memórias a tristeza dele vendo as filhas servirem a mesa dos hóspedes). Para São Paulo veio um filho do casal, o referido José Oswáld Nogueira de Andrade, conhecido como "seu" Andrade, que depois de muita luta se destacou, foi vereador, fez fortuna com iniciativas de loteamento e urbanização arrojadas para o tempo. Já maduro casou com Inês Inglês de Souza, paraense irmã do autor de **O Missionário**. Oswáld gostava de falar e escrever também sobre a família materna, contando que descendia dos últimos defensores da praça de Mazagão, no Marrocos, aos quais o rei D. José I teria mandado "dar o Amazonas" num rompante, depois de Pombal lhe ter dito: "São tão nobres quanto Vossa Majestade.". Recentemente outro da mesma fonte e paragem, o escritor Márcio de Souza, me confirmou a autenticidade da origem e a persistência da anedota.

Mas aqui não interessa a genealogia, e sim o nome, que como ficou dito é usual em famílias da zona de Baependi desde a geração de "seu" Andrade, e se espalhou com as migrações dessas famílias. É provável que muitas pessoas de lá, a partir de 1820, tenham lido ou ouvido falar do romance de Madame de Staël, e por isso deram com certa frequência aos filhos a denominação dos protagonistas.

Nas famílias Nogueira e Andrade, que eram as de Oswáld pelo lado do pai, e também Junqueira, muito ligada a ambas, encontramos diversos xarás dele, mas (com uma ou outra exceção) na forma vernaculizada. Por exemplo: nas **Memórias e Tradições da Família Junqueira**, de Frederico de Barros Brotero, vemos em 1883 um José Oswaldo Diniz Junqueira pedir dispensa para casar com parenta. Folheando por alto este livro, vemos que surgem depois: um quase homônimo, José Oswaldo de Andrade Junqueira, dois Oswaldo de Andrade Junqueira, um Oswaldo Martins de Andrade. Dezenas de outros tinham o nome e não o sobrenome, como os seguintes parentes dele registrados em Silva Leme: Domingos Oswaldo Gorgulho Nogueira, Oswaldo Gomes Nogueira, Oswaldo Gomes de Carvalho. Atualmente, um dos mais famosos peritos e criadores de cavalo manga-larga chama-se José Oswaldo Junqueira. Por aí vemos que daquela zona saiu e se espalhou um gosto acentuado pelo prenome de Lord Nelvil, isolado ou combinado a outros.

Pensando sempre na informação de Oswáld sobre a escolha da avó, conclui-se que ela tem maior alcance e vale também para explicar um gosto que é grupal e regional; e a favor disto há uma contraprova: na mesma zona, nessas e outras famílias, aparecem Corinas que são irmãs, primas, tias de Oswaldos, podendo daí saírem casais, por causa da endogamia. O referido Oswaldo Gomes de Carvalho, por exemplo, primo de Oswáld em terceiro grau, era casado com uma tia, Corina Nogueira Cobra, prima em segundo grau de Oswáld. Na escolha de nomes para os filhos, o dos personagens femininos de ficção costumava acompanhar os masculinos, como as Floripes irmãs dos Oliveiros e dos Roldões, com base na **História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França**. Ou, já no século XX, as Lígias irmãs dos Vinicius e/ou dos

Petrônios, numa trinca que seguia a voga imensa do romance **Quo Vadis?** de Sienkiewicz.

De modo que a imaginação romanesca de Dona Antônia Nogueira Cobra se enquadra na do seu meio e grupo, aos quais ela e mais alguma outra mãe talvez tenham querido dar certa satisfação, ao compensarem o preciosismo da forma inglesa pela junção pacificadora dos banais João ou José. Conta Oswald nas memórias que no caso de seu pai foi exigência do vigário, que recusou batizá-lo com nome estranho ao hagiológico corrente sem a compensação de um mais garantido. E isso mostra que aquelas senhoras de Baependi e Aiu-rouca estavam sendo inovadoras, estavam introduzindo um nome antes inexistente por lá e que depois se tornou quase banal. Seja como for, a combinação de José com Oswald constitui uma discrepância associada a uma transigência, para formar o nome que seria no futuro de um grande rebelde.

No uso corrente formou-se uma transigência a mais durante a vida deste, porque toda a gente, como ficou dito, retificava na fala Oswald para Oswaldo. Ligado ao sobrenome e prenome gerou ainda outro compromisso, que levava a aumentar a indecisão quanto à grafia, pois a pronúncia desprevenida era e é *Oswál'...* de Andrade. Mas sempre, como se vê, com a tônica na segunda sílaba, até que começasse essa bobagem de *Ôsvald*, que com certeza vai ficar e predominar, como tantas outras. Na peça sobre os "alegres rapazes e a sua semana de arte moderna" Carlos de Queiroz Teles já a tinha denunciada implicitamente. Nela, quando o chamam *Ôsvald*, o personagem brada de mau humor: "Oswáld!"

Estas considerações e informações não são tão intempestivas quanto podem parecer. É preciso fazê-las, porque senão a moda pega e na próxima geração, quando estiver sendo por sua vez devidamente trabalhado pela lenda, Drummond pode virar Drúmon, se algum sabido decidir que a pronúncia do seu nome escocês deve ser reajustada.